

Instituto de Ciências da Educação – Universidade Federal do Pará
Revista Ver a Educação, Belém, n. 1, ano 2026

**Viver, conviver e gerar vida em Plenitude: pesquisa sociopoética
Apresentação**

**Vivir, coexistir y generar vida en Plenitud: investigación sociopoética
Presentación**

**Living, coexisting, and generating life in Plenitude: Sociopoetic Research
Introduction**

Reinaldo Matias Fleuri¹
Marcelo Silveira²
Fernanda Déborah Barbosa Lima³
Elisabete Cristina Hammes⁴
Amanda Santos Witt⁵
Anamália Thorstenberg Ribas⁶
Jacques Moendy Gauthier⁷

A proposta pedagógica *Viver, conviver e gerar vida em plenitude: pesquisa sociopoética*, que ensejou a elaboração do conjunto de artigos publicados neste dossiê, foi realizada no segundo semestre de 2025 como um percurso educativo, criativo, investigativo e editorial voltado à articulação de temas geradores para a compreensão e o enfrentamento dos desafios presentes nas relações interculturais e

¹ Doutor em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis-Brasil. Orcid: 0000-0002-7372-1429. E-mail: rfleuri@gmail.com.

² Doutorando no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis-Brasil. Orcid: 0009-0008-3712-6340. E-mail: marcelo.silveira@icmbio.gov.br.

³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis-Brasil. Orcid: 0000-0003-2576-4261. E-mail: fernanda.barbosa@ifrr.edu.br.

⁴ Mestra pelo Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Erechim-Brasil. Orcid: 0000-0002-5610-8641. E-mail: elisabete.hammes@uffs.edu.br.

⁵ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis-Brasil. Orcid: 0000-0001-9334-3018. E-mail: amandawitt.asw@gmail.com.

⁶ Especialista em Arte-Terapia. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis-Brasil. Email: sempreluz75@yahoo.com.br.

⁷ Doutor em Educação. Pesquisador associado ao Grupo de Pesquisa “Educação intercultural: viver, conviver e gerar Vida em Plenitude” (UFSC/CNPq, 2022-2027). Florianópolis-Brasil. Orcid: 0000-0003-4776-2574. E-mail: jacques.jupaty@gmail.com.

nas estratégias sociais de resistência, reexistência e transformação, de caráter decolonial, não colonial e contracolonial, orientadas à promoção da vida em plenitude. A experiência integrou diálogos e vivências com povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais acerca de estratégias de resistência e reexistência de culturas ancestrais, bem como seminários, instalações e oficinas de escrita cooperativa a partir dos temas geradores emergentes. Culminou, assim, em processos de edição e publicação de produções científicas e comunicacionais comprometidas com a promoção da Vida em Plenitude.

O Contexto pedagógico

O curso foi desenvolvido por docentes de Programas de Pós-Graduação parceiros da Universidade Federal de Santa Catarina: Reinaldo Matias Fleuri (PPGICH/UFSC); Patrícia Barbosa Pereira (UFPR/PPGICH/UFSC); Ronnielle Azevedo-Lopes (IFPA/PPGICH/UFSC); José Mendes Fonteles Filho (UFC/PPGICH/UFSC); Carlo Zarallo Valdés (PPGICH/UFSC); João Batista Freire da Silva (PPGICH/UFSC); Elison Antonio Paim (PPGE/UFSC); Rodrigo de Sales (PGCIN/UFSC); Suzani Cassiani (PPGECT/UFSC); Patrícia Montanari Giraldi (PPGECT/UFSC); e Irlan von Linsingen (PPGECT/UFSC). Participaram também, como docentes convidados, Adriana Aparecida Belino Padilha de Biazzi Kaingang (LII/UFSC); Joana Vangelista Mongelo Guarani (UFSC); Walderes Laklãnô (UFSC); Cristiana Samaniego Guarani (LII/UFSC); Marco Antônio Oliveira da Silva Guarani (Cacique da Aldeia Guarani Pira Rupa); Jacques Moendy Gauthier; Andy Wear (University of Melbourne); e Silvia Casa Nova (USP).

As atividades didáticas foram articuladas pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UFSC), pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFSC), pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT/UFSC) e pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN/UFSC). Em rede, esses Programas desenvolveram uma pesquisa-ação educativa integrada, em articulação orgânica com comunidades e mestres indígenas, quilombolas e tradicionais, e em conexão com o Projeto de Pesquisa “Educação intercultural: Viver, conviver e gerar vida em plenitude” (UFSC/CNPq, 2022-2027).

O objetivo central da proposta foi estudar e desenvolver estratégias de resistência e reexistência decoloniais, não coloniais e contracoloniais dos povos originários diante de processos históricos, socioculturais e educacionais coloniais e neocoloniais que vêm se impondo na Ameríndia ao longo dos últimos cinco séculos e que se intensificam no atual contexto econômico e político, marcado por riscos globais de colapso ambiental, guerra nuclear e colapso das democracias (Chomsky; Eaton, 2020). O percurso partiu também da compreensão de que povos indígenas, quilombolas e

tradicionais, a partir de suas experiências históricas de relação, cuidado e interdependência com a terra, expressas nas cosmovisões do Bem Viver, questionam a lógica predatória da superexploração dos recursos naturais, que alimenta padrões insustentáveis de consumo para assegurar a acumulação capitalista (Heck; Silva; Feitosa, 2012, p. 25).

Nessa perspectiva, o percurso educativo assumiu a escuta epistêmica das cosmovisões ancestrais, não coloniais e contracoloniais, mediante a interação dialógica com os povos originários, como caminho para problematizar a colonialidade e aprender, em diálogo com esses povos, outras formas de saber, poder e ser, na perspectiva de construir a vida em plenitude (Fleuri, 2017). Esse diálogo epistêmico foi desenvolvido por meio da pesquisa sociopoética (Gauthier; Fleuri; Grando, 2001) e da escrita coletiva (Muraca; Fleuri, 2024), em continuidade a experiências de formação de pesquisadoras e pesquisadores em diferentes Programas de Pós-Graduação.

Os encontros presenciais, relativos aos créditos teóricos, ocorreram às quintas e sextas-feiras, nos dias 14, 15, 21, 22, 28 e 29 de agosto, e 27 e 28 de novembro de 2025, das 9h às 17h40. De setembro a novembro de 2025, os grupos-pesquisadores desenvolveram, de modo autônomo e coordenado, trabalhos de coautoria, produção e edição de publicações científicas e comunicacionais. As atividades ocorreram no âmbito da UFSC e em processos de imersão junto a comunidades indígenas, quilombolas e movimentos populares.

O percurso metodológico de pesquisa-ação educativa e editorial foi organizado em quatro etapas. A primeira consistiu na construção temática dos grupos-pesquisadores, envolvendo a apresentação do programa de estudos, a organização do trabalho coletivo, a formulação simbólica da identidade da turma e a constituição de grupos de estudo em torno de temas e contextos integradores dos diferentes projetos de pesquisa das pessoas participantes. Essa etapa incluiu também o compartilhamento e a discussão das conexões entre os problemas focalizados pelos grupos. A segunda etapa consistiu na realização de pesquisas por meio de imersões em comunidades indígenas, quilombolas e movimentos populares. A terceira foi dedicada ao debate dos temas integradores, mediante seminários voltados à apresentação criativa e à discussão dos temas que articulavam os processos de pesquisa das pessoas integrantes de cada grupo. A quarta correspondeu aos seminários de leitura, apresentação e debate dos textos produzidos em coautoria pelos diferentes grupos-pesquisadores. As produções poéticas, ensaísticas e científicas elaboradas durante o curso foram posteriormente revisadas e editadas para compor a presente publicação.

Desse processo pedagógico, criativo e investigativo emergiram os artigos reunidos neste dossiê. Eles resultam da constituição de grupos-pesquisadores, da elaboração de temas geradores contracoloniais, das vivências sociopoéticas, das imersões comunitárias, dos seminários de debate, das oficinas de escrita cooperativa e do trabalho editorial em coautoria. A experiência consolidou, assim,

uma prática de pesquisa sociopoética comprometida com a decolonização e a contracolonização das práticas educacionais e investigativas, valorizando saberes, pedagogias e cosmovisões ancestrais orientados à construção da vida em plenitude.

Os contextos temáticos geradores

Organizamos a apresentação dos quatorze artigos deste dossiê em quatro sessões. Esta distribuição surge a partir dos quatro contextos temáticos gerados pelo entrelaçamento de grupos-pesquisadores, que se identificaram com *confetos* (conceitos-afetos) expressos em neologismos e painéis temáticos: *Lagartonomiau* (figura 1), *Voaterrarmãestruar* (figura 2), *Ecoanceconectência* (figura 3) e *ArvoRio* (figura 4). Estes contextos temáticos, gerados pela interação entre diferentes grupos-pesquisadores, por sua vez, contribuíram para que cada grupo se mobilizasse na elaboração, em coautoria, dos respectivos artigos. Por isso, apresentamos sinopticamente aqui cada artigo a partir do *confeto* indicador do contexto temático a que está relacionado e buscamos indicar possíveis interconexões temáticas e suas contribuições para entender e enfrentar os desafios decoloniais e contracoloniais contemporâneos.

Lagartonomiau

Figura 1 – Desenho coletivo do grupo-pesquisador, fonte para a criação do *confeto*



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

A experiência dentro do grupo organizado em torno do *confeto* *Lagartonomiau*, que articulou corpos, vozes e sentidos de Andy Wear, Bárbara Lipinski, Elisabete Cristina Hammes, Fernanda Aidê

Seganfredo do Canto, Israel Ranery Alves Costa, Marcela Reinhardt de Souza, Marcelo Silveira, Priscila Maria Ferreira Guarate e Reinaldo Matias Fleuri, encontrou no símbolo do *yin-yang* uma possibilidade de registrar em um mesmo ambiente duas naturezas opostas, após refletir em formas e abstrações sobre as possibilidades de como equilibrar esses diferentes cenários. De modo a conseguir conciliar em um mesmo ambiente o lagarto, o gato, o pássaro, o deserto e a mata, buscaram na composição algo que concomitantemente separa, mas também permite o encontro do lagarto do deserto australiano com o gato domesticado, como possibilidade de afetarem-se. Ao mesmo tempo em que se diferenciam, se relacionam. Como um contraponto ao lagarto selvagem que vive na hostilidade do deserto, o gato domesticado, que foi retirado do ambiente selvagem e civilizado, representa a natureza colonizada. Assim como o gato já foi selvagem, opressor e oprimido não podem ser definidos desde uma identidade fixa, mas dinâmica, conforme nos ensina Paulo Freire. A potencialidade opressiva, ou podemos dizer, da colonialidade, reside em todos nós; daí a busca por harmonizar essas duas forças. Outro aspecto da metáfora presente no gato e lagarto, diz respeito às linhas que separam e unem os processos decoloniais – que se fazem de *dentro* das estruturas coloniais – e os processos contracoloniais – desde *fora* do mundo colonial – simbolizando as forças diferentes e complementares que residem em cada uma dessas posições.

Percebe-se, no conjunto dos artigos produzidos dentro da vivência do grupo e que compõem esta primeira seção do dossiê, a temática da decolonialidade e contracolonialidade atravessando a busca por viver em plenitude e como isso passa por fenômenos humanos como a construção do conhecimento com as suas diferentes epistemologias e as concepções formativas dos docentes e de suas práticas de ensino. Nestes textos, podemos encontrar a metáfora do encontro do gato e lagarto mediatizado pelo meio como os desafios de práticas e saberes interculturais em diferentes âmbitos. Esse é o tema gerador das propostas desenvolvidas nos artigos elaborados em coautoria por quatro grupos. A saber:

O artigo *De-Trans-Contracolonialidade: Caminhos de Autonomia e Reexistência para Viver em Plenitude*, de Reinaldo Matias Fleuri, Barbara Lipinski, Fernanda Aidê Seganfredo do Canto, desenvolve uma reflexão educativa de caráter decolonial e transcolonial que problematiza as formas hegemônicas de produção do conhecimento, propondo uma pedagogia fundamentada na sociopoética, no diálogo intercultural e na articulação entre saberes científico, artísticos e ancestrais. Como temas complementares, amplia o debate sobre autonomia, reexistência, justiça socioambiental, interculturalidade crítica e reconhecimento dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais como sujeitos legítimos de conhecimento. A partir da filosofia do Bem Viver, sua contribuição à sociedade brasileira radica em fortalecer processos educacionais voltados para a construção de relações justas, sustentáveis e comunitárias, sustentadas nos princípios da

relacionalidade, ao reconhecer a interdependência entre seres humanos, natureza e ancestralidades; da complementaridade, ao valorizar a diversidade como fonte de aprendizagem e transformação coletiva; da reciprocidade, através do intercâmbio de saberes e produções; e da integralidade, ao compreender a educação como uma experiência que articula dimensões éticas, culturais, espirituais, afetivas e cognitivas para a geração de vida em plenitude.

No ensaio intitulado *Percurso sociopoético rumo ao Bem Viver: contribuições da sociopoética para a pluralidade epistêmica*, as coautoras Marcela Reinhardt de Souza, Priscila Maria Ferreira Guarate e o coautor Marcelo Silveira exploram o conceito de pluralidade epistêmica ao articularem os conhecimentos acessados por meio de levantamentos bibliográficos nessa temática com as possibilidades e potencialidades da vivência sociopoética como geradora de contextos epistemológicos transculturais. A incursão exploratória é permeada por reflexões sobre os processos de colonialidade do saber e do ser, intensificados e legitimados pela estrutura do método científico positivista, e sobre como isso se apresenta como desafio para um conhecer plural e democrático em seus diversos sentidos humanos. Entre as convergências identificadas nos estudos levantados, ressalta-se a defesa de uma nova centralidade dos saberes marginalizados e deslegitimados, a partir da noção de que o conhecimento se produz atravessado pela história e pela política dominante, podendo, assim, ser transformado e ressignificado quando se internalizam outras epistemologias. Esse movimento se justifica em uma lógica mais ampla, que questiona a pretensa utilidade do conhecimento voltada à geração de bem-estar e a desloca para um propósito enraizado no Bem Viver, entendido como prática relacional, coletiva e de sustentação da diversidade das manifestações da vida. É justamente nessa direção que emerge, do ensaio, uma potente reflexão sobre como a sociopoética, mais do que uma teoria, se revela como uma práxis epistemológica plural. Nela, elementos como a dialogicidade, a multiplicidade de linguagens, a ética e a estética do conhecer, a escuta potencializada e o envolvimento na preparação de contextos de promoção da interculturalidade se tornam práticas concretas e vivenciadas. Tais práticas podem revelar saberes até então silenciados, subalternizados ou mesmo desconhecidos, que residem em cada potência de vida.

O artigo *De gatos a lagartos: o espírito contracolonial na formação docente e na educação em ciências*, de Elisabete Cristina Hammes e Israel Ranery Alves Costa, propõe uma sensível *travessia* de deslocamento epistemológico na formação docente, tensionando modelos hegemônicos de ensino. A obra analisa e ressignifica o mito da cultura Kaingang à luz dos princípios do Bem Viver e da experiência das autorias com a metodologia de confetos da Sociopoética. Adotando um caráter ensaístico e narrativo estruturado em seis partes, o texto dá vazão a angústias e revisões de trajetórias práticas, tendo como ponto de partida o confeto *Lagartonomiau* – eixo integrador entre mito e teoria. A cosmologia originária é tratada como um modo de existir, onde as metades Kamé e Kairu operam como tecnologias sociais de equilíbrio, reciprocidade e interdependência. Contrapondo a firmeza lenta do lagarto à figura do

gato, que sintetiza a contemporaneidade urbana marcada pelo sobressalto, coautora e coautor articulam um potente exercício formativo que convida docentes a reconhecerem suas marcas e parentescos com a natureza. Trata-se de um trabalho fundamental, alinhado aos debates urgentes de justiça cognitiva e epistemologias plurais e transculturais.

O artigo *Desestabilizando a contabilidade: relacionalidade, poder e autodeterminação econômica de Povos Originários*, escrito em coautoria por Andy Wear e Silvia Pereira de Castro Casa Nova, oferece uma contribuição teórica e metodológica consistente ao adotar uma visão de mundo crítica e decolonial, compreendendo a contabilidade como uma linguagem atravessada por relações de poder e rompendo com sua pretensa neutralidade técnica. Nessa perspectiva, o estudo interroga como o uso prevalente da linguagem contábil pode perpetuar a marginalização econômica e cultural dos modos de vida e dos saberes dos Povos Originários, ao mesmo tempo em que evidencia como práticas contábeis hegemônicas reforçam barreiras sistêmicas à sua autodeterminação. Fundamentando-se em abordagens relacionais e no arcabouço teórico da Contabilidade Crítica Dialógica, em diálogo com a Pedagogia Freiriana, a pesquisa confere densidade analítica, ética e política à análise da linguagem utilizada em documentos oficiais, trazendo à tona estruturas de poder ocultas. A utilização de documentos produzidos pelo Kaia Institute e pela Rumbalara Aboriginal Co-operative, organizações da Nação aborígene australiana Yorta Yorta, fortalece a legitimidade empírica do estudo. Nesse contexto, a proposta de uma mudança na forma de comunicação e de *mensuração* contábil, denominada contabilidade relacional, destaca-se como alternativa voltada ao enfrentamento do desequilíbrio de poder, ao reconhecer os sistemas de conhecimento e os valores próprios desses povos. Os achados preliminares indicam que, enquanto a linguagem contábil dominante normaliza a marginalização econômica, a contabilidade relacional pode promover uma prática contábil de empoderamento. Por fim, a centralidade da reflexividade e da posicionalidade metodológica consolida o caráter inovador e politicamente engajado do trabalho.

As interconexões entre esses enfoques evidenciam que a colonialidade não opera apenas nas ideias, mas também nas instituições, nas metodologias, nos currículos, nas linguagens, nas formas de mensuração e nas relações com a natureza, exigindo práticas de escuta, reciprocidade, complementaridade, reflexividade e justiça epistêmica. No contexto contemporâneo, marcado por crises socioambientais, disputas territoriais, ameaças aos povos originários e intensificação de racionalidades utilitaristas, essas propostas ganham particular relevância para o contexto amazônico, onde a defesa da vida, dos territórios, das ancestralidades e dos saberes comunitários se apresenta como condição para enfrentar os efeitos da colonialidade e construir caminhos de reexistência, sustentabilidade e Bem Viver.

Voaterrarmãestruar

Figura 2 – Desenho coletivo do grupo-pesquisador, fonte para a criação do confeto



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Na segunda sessão do dossiê, reunimos os textos gerados no contexto temático tecido pelo conjunto de grupos-pesquisadores que desenvolveu o confeto *Voaterrarmãestruar*. Esse confeto surgiu da interação dos desenhos de Anamália Thorstenberg Ribas, André Luiz Avelino da Silva, Carlo Zarallo Valdés, Fernanda Deborah Barbosa Lima, Jacques Moendy Gauthier, Karen Daniela Gómez Ortega, Letícia Pereira de Souza, Luciana Nagel Simon Cogo, Lurian Endo Gonzaga e Rodrigo de Sales. Na composição do desenho em grupo, cada pessoa apresentou seus desenhos individuais e colaborou no entrecimento de uma figura mítica que pudesse abarcar todas as expressões pictóricas individuais e seus desejos de transformação social. A representação de uma mulher, para expressar a Mãe Terra, Pachamama, constituiu a figura central, da qual jorra um rio. O rio aparece como uma metáfora para a vida que jorra da mulher: a menstruação, apresentada como parte do ciclo de vida inerente aos corpos femininos. Nessa perspectiva, a mulher e o rio representam a geração de Vida em Plenitude. Focalizando a figura da mulher e sua potência como mãe, surgiu a proposta de usar a cor azul para associar a imagem do desenho à deusa Iemanjá, a rainha do mar. Dessa cena – de uma mulher vestida de azul, da qual deságua um rio gerando vida – surgiu a segunda parte do confeto: *mãestruar*. Nos desenhos individuais de vários integrantes do grupo, as aves estavam presentes para expressar o desejo de voar e de liberdade em diferentes sentidos e contextos. Essa aparente oposição entre voar e aterrar constituiu-se, para o grupo, como uma relação fundamental de complementaridade

e como um aspecto-chave para a criação do confeto. Dessa junção de conceitos opostos emergiu a primeira parte: *voaterrar*. Aterrar e voar se mesclam em uma palavra que propõe a junção de opostos, os quais se complementam pelo amor da Mãe Terra, Pachamama, e do Pai Céu, Pachacamac.

Em *Borboletas Triálogo: a dança dos afetos*, Jacques Moendy Gauthier, Anamália Thorstenberg Ribas e Rodrigo de Sales constroem em uma relação comunicativa a três vozes sobre a experiência na vivência e produção sociopoética. Como que em uma espiral de vozes em movimento, expressam um sentir coletivo sem perder a riqueza da singularidade, em que é possível perceber as diferentes cores e historicidades dos autores. Este movimento recíproco do individual ao coletivo, do particular no geral, da parte no todo é uma constante ao longo da construção. Trazem ao mundo seu confeto, o *VoaTerrarMãestruar*, uma enunciação interpretada no texto pelos autores e autoras e desde a qual indicam o que denominam o *pensar-energia* – conceito que também apresentam – que os atravessam e os ligam de corpo e espírito ao tema envolvido, já que, assim como afirmam, o conhecer não é desenvolver, é antes a expressão do envolvimento do que se faz e se sabe, daquilo que mora e jorra de dentro de si. Ao navegarem na busca se desprender do mecanicismo, do racionalismo intelectual, do controle do que se quer conhecer e do egoísmo do conhecedor, reconhecem a espiritualidade no conhecer, desde seus aspectos filosóficos, como no sentido prático, de vozes que não precisam chegar a uma razão única, mas que encontram no diferente suas complementaridades não-lineares, que se deixam afetar, provocando *um estranho vazão de vulnerabilidade*, tornando o ego sem sentido. Dentro disso, chegam a um desnudamento de si e a permitir que o que vem de fora fale de si, na espiritualidade do conhecer. Uma tônica e contribuição autêntica nesta escrita de vozes é como esse processo de produção de conhecimento gera transformação, ou melhor transmutação, em que as palavras inventadas podem melhorar o viver, conectando assim os seres com o propósito mais amplo do Bem Viver.

A construção do texto *As memórias da experiência/ dinâmica do grupo VoaTerrarMãestruar*, de autoria de Lurian Endo Gonzaga, Elison Antonio Paim e Luciana Nagel Simon Cogo, apresenta as memórias construídas e alimentadas durante as vivências geradas por um dos grupos participantes da pesquisa sociopoética a partir da qual nasce o presente dossiê. Ao desenvolver uma dinâmica que nasce do ventre criativo do grupo, foram gerados sentimentos e aprendizados passíveis de serem materializados nas falas e expressões dos participantes. Uma imagem geral da sequência da vivência pode ser resumida em alternância entre momentos fortes seguidos de momentos suaves, envolvendo sons, música, aromas, corporalidades, produção artística, dança, fogo e espiritualidade, a partir da qual se buscou transmutar sentimentos. De sentimentos negativos à sua purificação e acolhimento. Tudo isso permitiu a coleta de relatos memorialísticos da experiência. Os relatos são mais que ideias coletadas, apresentam-se como vozes profundas dos participantes que ganham vida dentro do ambiente nutrido

pela vivência. Expressam sentidos e afetos reprimidos na rotina cotidiana e que podem ganhar voz e serem trabalhados. A singularidade do trabalho que os coautores e coautora apresentam ganha seu ápice, para além da originalidade da vivência proporcionada aos participantes, na opção metodológica do registro e organização dos relatos dos participantes da oficina. Por meio da metodologia monadológica de Walter Benjamin, escolhem pela não interpretação dos relatos, produzindo no leitor e na leitora um campo aberto, permitindo encontrar o todo em cada parte das narrativas, ao mesmo tempo que os sentimentos daquele que lê podem dar novos significados ao texto.

Travessias educacionais e o Bem Viver: reflexões sobre vivências e saberes na formação docente, de Fernanda Deborah Barbosa Lima e Karen Daniela Gómez Ortega, constitui-se como um relato potente e propositivo em termos teórico-metodológicos, ao assumir, de modo coerente com a sociopoética, a escrita como dispositivo de formação e pesquisa. A partir das vivências nos encontros imersivos, nas visitas à aldeia Pira Rupá e ao quilombo Vidal Martins, as autoras recuperam registros audiovisuais como *matéria de memória* para produzir uma autorreflexão implicada, reconhecendo que o conhecimento não é mera descrição do real, mas transformação de si e do mundo no próprio processo. Ao articular Paulo Freire, Bell Hooks, Reinaldo Fleuri, Ailton Krenak e Cristiana Samaniego, o texto desloca a centralidade do paradigma positivista e da avaliação como medição, denunciando a reprodução (in)consciente de práticas coloniais mesmo em discursos progressistas. Ambas as autoras acionam suas subjetividades e seus posicionamentos sociais para compartilhar como poderia se dar uma *revolução do sutil* como método: abrir-se ao não saber, sustentar o silêncio e produzir sentido a partir das histórias e dos afetos. O texto ganha densidade ao descrever como ocorreu, na prática, a interlocução com as comunidades e ao apontar uma alternativa: uma docência intercultural e decolonial fundada na escuta atenta, na coletividade, no enraizamento territorial e na ancestralidade como fonte epistêmica. Esta travessia inspiradora suscita uma crítica situada ao currículo eurocêntrico, por meio da reorientação das práticas pedagógicas para o cuidado com a relacionalidade, a reciprocidade e a justiça epistêmica.

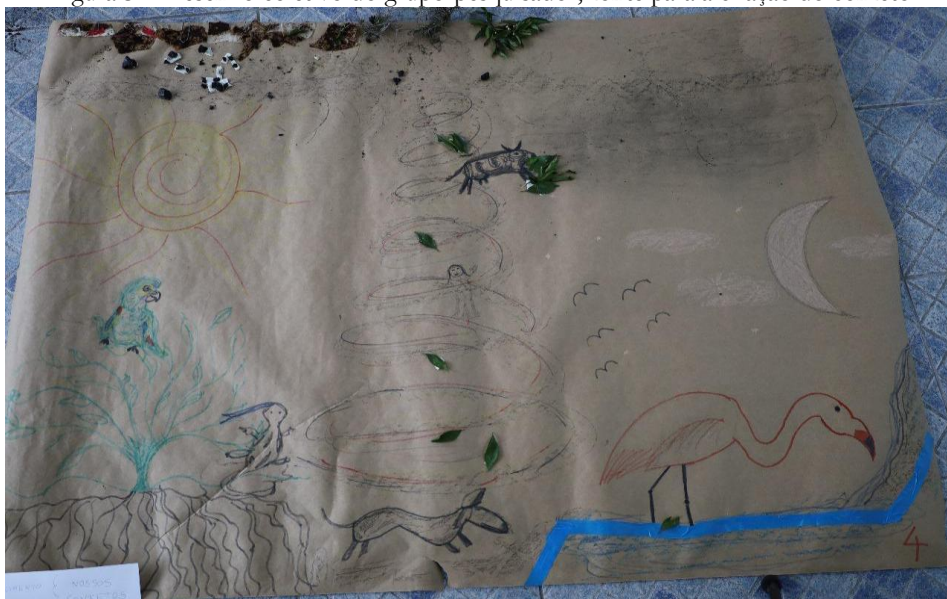
Kimün Mapu: Sabedoria da Terra, de autoria de Carlo Zarallo Valdés, Magdalena Cortinez, Vinicius Mouzer e Aline Mararú, fundamenta-se em uma epistemologia educativa decolonial, sociopoética e na ancestralidade. Neste artigo, o conhecimento surge da relação entre comunidade, território, memória, corpo e espiritualidade, questionando a visão ocidental que separa razão e natureza. Sua principal contribuição para a sociedade brasileira é tornar visíveis formas plurais de produzir conhecimento, fortalecendo o reconhecimento dos saberes indígenas, afrodescendentes e tradicionais como fontes legítimas de educação. Na perspectiva do Bem Viver, promove o Princípio da Relacionalidade, entendendo que seres humanos, natureza e ancestrais formam uma mesma rede de vida. O Princípio da Complementaridade das Diferenças, valorizando a diversidade cultural e o diálogo entre diferentes vozes; o Princípio de Reciprocidade, ao propor relações de cuidado,

responsabilidade e aprendizagem mútua com a comunidade e a Terra. E o Princípio de Integralidade, ao conceber a educação como uma experiência que articula dimensões espirituais, afetivas, corporais, territoriais e cognitivas na construção coletiva do conhecimento.

Os quatro textos elaborados a partir da experiência conjunta de tessitura coletiva do confeto *Voaterrarmãestruar* constituem ramificações de um mesmo ecossistema teórico-prático. Os autores e autoras se aproximam fundamentalmente pelo compromisso ético e político com a descolonização do saber, a transmutação dos afetos e a busca pelo Bem Viver, rejeitando o racionalismo mecânico em prol de uma ciência que passa pelo corpo, pela espiritualidade e pela ancestralidade. Contudo, as obras se diferenciam em suas escolhas metodológicas e recortes de atuação: enquanto o primeiro artigo dessa seção mergulha na própria experiência comunicativa a três vozes para teorizar o *pensar-energia* e o desnudamento do ego, o segundo texto foca na potência da memória de uma dinâmica sensível, inovando ao adotar a metodologia monadológica de Walter Benjamin para apresentar os relatos sem interpretá-los, e os ensaios que encerram a sessão se projetam no campo da formação docente e da produção do conhecimento, traduzindo essas vivências em uma proposta de educação intercultural e decolonial enraizada nos territórios. Assim, os textos se complementam de forma sinérgica e não linear, mimetizando a própria natureza do confeto: entre o voar da abstração conceitual e o aterrar da prática pedagógica e da escuta comunitária, o que jorra dessas escrituras é um convite à *revolução do sutil*, onde a vulnerabilidade e a coletividade operam como forças geradoras de vida e de transformação social.

Ecoanceconectância

Figura 3 – Desenho coletivo do grupo-pesquisador, fonte para a criação do confeto



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Essa terceira sessão é composta tanto por reflexões desenvolvidas a partir de grupos-pesquisadores que vivenciaram a experiência presencial da disciplina e de criação de confetos, quanto por outros que se somaram por afinidades teórico-práticas durante a elaboração do dossiê. O grupo que se formou intuitivamente em torno do confeto que se materializou no processo de seu encontro, denominado *Ecoanceconectência*, foi composto inicialmente por Amanda Santos Witt, Ana Elisa Figueiredo, Andressa Melo Jacques, Doris Eloisa Catto Freitas da Silva, Jane Lecardelli, Jefferson Neri Corbari, Sandra Beatriz Koelling, Silvia Casa Nova e Tompson Goes Santos. A representação gráfica que expressou o contexto integrador dessa potência coletiva trouxe elementos animais como o lagarto, o papagaio e o flamingo juntamente com o ser humano e outros elementos da natureza dos quais se destaca um vórtex que pode ser interpretado como uma espiral em funil, ou seja, que afunila, mas que, invertendo a imagem, se manifesta como um tornado. Segundo o grupo, a obra contém a dualidade na natureza, com seus quatro elementos, a árvore simbolizando a vida e a fecundidade, junto com o caos e a destruição. O tornado representa a mudança, inserida em ciclos, jogando para fora aquilo que não permanece. É no fluxo entre permanência e impermanência que se desacomodam as zonas de conforto. A mudança que vem com a destruição é também um reinício. A estabilidade presente na imagem das raízes da árvore convive com o fluxo do rio. Essas intuições nascem do encontro de palavras do grupo como conexão, afeto, empatia, interconexões. O caos criativo que procuram simbolizar também é presente no movimento do grupo que transita entre os confetos *Escutaemcimento*, *Afetalidade*, *Afalafeto*, chegando à *Ecoanceconectência* que explicam como a integração de ecossistema, ancestralidade, conexão e impermanência. Partindo dessa perspectiva integradora, as contribuições analíticas de Juliana Akemi Andrade Okawati, Alexandre Emboaba da Costa e Rodrigo Sales se somaram a esta sessão por afinidade temática, embora a coautora e os coautores não tenham participado do desenho do confeto *Ecoanceconectência*.

Ancestralidade Feminina, práticas de resistência e reexistência nos territórios quilombolas e indígenas é o tema estudado por Amanda Santos Witt e Sandra Beatriz Koelling. As autoras analisam a relação entre mulheres indígenas e quilombolas, território e ancestralidade sob uma perspectiva decolonial. A partir de pesquisa qualitativa, bibliográfica e vivências nas comunidades Tekoá Pira Rupá e Quilombo Vidal Martins, identificam-se três eixos de resistência: o corpo-território no enfrentamento às opressões socioambientais; a espiritualidade e ancestralidade, guiando a luta; e a memória oral transmitindo saberes. Concluem que essas práticas de reexistência evidenciam a força política e epistemológica feminina na defesa inseparável da terra e da vida.

Jane Lecardelli e Jefferson Neri Corbari, em *Decolonialidade ambiental quando a terra fala em muitas línguas*, exploram a *decolonialidade ambiental*, propondo uma mudança das visões eurocêntricas e utilitaristas para a valorização dos saberes tradicionais e ancestrais. Neste texto, autora e autor criticam a racionalidade moderna e a colonialidade por gerarem degradação e injustiças socioambientais contra

comunidades oprimidas. Para contrapor esse cenário, introduzem a *Ecoanceconectência*, conceito que une ecologia, ancestralidade, pertencimento e impermanência. Essa perspectiva defende que os humanos são apenas mais um fio na teia da vida, e não o seu centro. Por fim, ao integrar a sabedoria de povos originários e quilombolas, o texto sugere caminhos decoloniais e transculturais para alcançar um futuro verdadeiramente sustentável e justo.

No artigo *Formação de professores indígenas no Brasil e Canadá: interfaces entre escola e universidade*, Juliana Akemi Andrade Okawati, Alexandre Emboaba da Costa e Rodrigo de Sales analisam processos de formação de professores indígenas nos dois países, destacando interfaces entre políticas, ações institucionais, universidade e escola. A partir de experiências formativas situadas, de caráter qualitativo, exploratório e descritivo, fundamentadas em fontes bibliográficas, documentais e vivenciais, discutem caminhos de indigenização, reconciliação e decolonização da educação. Evidenciam desafios comuns produzidos por estruturas coloniais nas instituições de ensino, bem como iniciativas que fortalecem os povos indígenas e reconhecem outras formas possíveis de educar. Assim, o texto ressalta a centralidade da formação de professores indígenas na construção de processos educacionais comprometidos com justiça social, epistêmica e territorial. Ao articular experiências do Brasil e do Canadá, amplia a compreensão sobre os modos como povos indígenas tensionam estruturas coloniais ainda presentes na escola e na universidade. A valorização de epistemologias, línguas, práticas comunitárias e formas próprias de ensinar e aprender reafirma a educação como espaço de resistência, reexistência e transformação, mostrando que a presença indígena no ensino superior desloca concepções hegemônicas de conhecimento e docência.

Os três artigos relacionados ao confeto *Ecoanceconectência* afirmam uma temática transversal centrada na interconexão entre ecologia, ancestralidade, pertencimento e impermanência, compreendendo a vida como fluxo relacional entre comunidade, território, corpo, memória, espiritualidade e natureza. A partir de diferentes enfoques – epistemologia educativa decolonial, ancestralidade feminina, decolonialidade ambiental e formação de professores indígenas –, os textos enfrentam os desafios contemporâneos produzidos pela racionalidade moderna, eurocêntrica e utilitarista, que separa razão e natureza, deslegitima saberes tradicionais e aprofunda injustiças socioambientais. Suas contribuições convergem ao reconhecer povos indígenas, quilombolas, afrodescendentes e comunidades tradicionais como sujeitos legítimos de conhecimento, cuidado e reexistência. Ao projetarmos tais apontamentos e reflexões ao contexto amazônico, marcado por disputas territoriais, degradação ambiental e ameaças aos modos de vida originários, tais reflexões ganham especial relevância ao indicar que a defesa da terra é inseparável da defesa da vida. Assim, os artigos propõem caminhos de educação, resistência e transformação fundados na reciprocidade, na complementaridade das diferenças, na integralidade e na escuta das múltiplas línguas da terra,

contribuindo para imaginar práticas de Bem Viver capazes de enfrentar o caos contemporâneo como possibilidade de reinício, justiça epistêmica e sustentabilidade plural.

ArvoRio: o rio da resistência rega a árvore da vivência!

Figura 4 – Desenho coletivo do grupo-pesquisador, fonte para a criação do confeto



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

O contexto temático gerador do confeto *ArvoRio*, produzido por Caroline Pasa, Eurizon de Oliveira Neto, José Paulo Speck Pereira, Marcus Vinícius de Souza Mouzer, Pamela da Silva Neckel, Rita Cássia Castro Cunha e Rosiane Maria de Oliveira Neto representou a união de propósitos do grupo (alimento, conhecimento, movimento, mudança e resistência) junto à criação do trabalho artístico. A elaboração do desenho estimulou os participantes a terem ideias e refletirem sobre seus propósitos. Após intenso diálogo, surgiu o *ArvoRio*, que é a aglutinação das palavras árvore + rio. O grupo decidiu incluir um subtítulo ao confeto, e a versão final foi *ArvoRio: o rio da resistência rega a árvore da vivência!* O rio, que pela lógica racional deveria estar na parte inferior, foi posto no céu, e suas margens, cheias de curvas, simbolizavam a resistência de um curso que não nasceu para ser reto. Suas águas serviam para regar a árvore, que representava movimento, conhecimento e alimento dos sentidos. O casulo, a borboleta e a espiral representavam a mudança e a transformação.

Inspirados nos elementos que foram trabalhados para a produção do confeto, e a partir das dinâmicas vivenciadas/corporificadas nos encontros da disciplina, ao lincarem com suas áreas de

atuação e como elas são afetadas ou contaminadas por essas questões, desdobram-se nos ensaios e artigos possibilidades de fecundar as ações cotidianas, aproximando da concretude nossas teorias e inspirações para contrapor a colonialidade e semear o Bem Viver.

Desse modo, no ensaio intitulado *Os conceitos de memória e patrimônio sob a ótica de lideranças indígenas: interface com as teorias de Michel Foucault e Aníbal Quijano*, Caroline Pasa, Rita de Cássia Castro da Cunha e Rosiane Maria de Oliveira Neto apresentam conceitos como Memória e Patrimônio a partir de narrativas contracoloniais. Utilizando-se da metodologia da história oral, duas lideranças indígenas da Aldeia Pira Rupa, localizada na cidade de Palhoça/SC, expuseram seu entendimento para os conceitos de Memória e Patrimônio. Suas narrativas foram interpretadas à luz das perspectivas teóricas de Michel Foucault e Aníbal Quijano, desnaturalizando assim o modo como poder, saber e história foram construídos, revelando noções ampliadas a partir das suas vivências. Também indicam os conceitos de Memória e Patrimônio enquanto ideias-força coloniais produzindo dominação, apagamento e subordinação de saberes outros, onde história e memória atuam como dispositivos políticos de sustentação da hegemonia eurocêntrica e colonizadora. Essa análise evidencia o distanciamento entre categorias ocidentais institucionalizadas e cosmovisões indígenas, apontando a decolonização enquanto um processo tanto territorial quanto epistêmico. Assim, nos convidam a reconhecer e valorizar os modos de saber historicamente silenciados. Concluem seu diálogo intepistêmico, dando voz àqueles que foram historicamente diminuídos e silenciados enquanto detentores de saberes outros, mas que trazem em seus corpos-territórios a resistência e o conhecimento ancestral, desestruturando a visão colonial, imperialista e pretensamente hierárquica do saber.

No artigo desenvolvido por José Paulo Speck Pereira, Pamela da Silva Neckel e Eurizon de Oliveira Neto intitulado *Confeto, a criação de conceitos na sociopoética: contribuições para os estudos em Organização do Conhecimento, Biblioteconomia e Ciência da Informação*, os autores e a autora analisam a interferência que vivências sociopoéticas podem promover nas estruturas do saber que embasam suas áreas de atuação/formação. Percebem a Sociopoética como uma metodologia (disruptiva) para a criação de conceitos e (re)categorização emancipatória das coisas do mundo, o que gera interferência nas bases como a organização do conhecimento pode ser estruturada. Se partirmos da premissa de que “a função básica dos conceitos é fornecer uma base para lidar com o mundo”, e estes conceitos têm estruturado o mundo colonial, a entrada dos confetos (conceitos + afetos) subverte essa lógica, pois “os conceitos fornecem fronteiras e classes em um mundo contínuo” (Hjørland, 2022, p. 58). Destacam ainda a estrutura rizomática dos confetos, diferenciando-os dos conceitos, de estrutura aristotélica. Apresentam a potencialidade de espaços como as bibliotecas, para a produção de confetos. Desta forma, ampliam e estendem a função social e epistêmica das bibliotecas, como

espaços possíveis de reflexão e produção de conceitos, para além do mero consumo. Apontam ainda os impactos desse processo, na medida que nos apropriamos de metodologias que incidem na produção de conceitos afetados por nossos contextos, revelando assim a possibilidade de humanizar termos totalizantes e indiferentes, que de neutros passam a ser ativos, fecundando nossas práticas.

Com relação ao artigo *Formação e desenvolvimento de um acervo de gênero e sexualidade para justiça social* exposto por Letícia Pereira de Souza e André Luiz Avelino da Silva, autora e autor propõem uma reflexão crítica e decolonial sobre o papel das bibliotecas brasileiras na construção de justiça social através da implantação de acervos sobre gênero e sexualidade. Ampliam, assim, a discussão sobre a colonialidade do saber, o epistemicídio e a inclusão de populações historicamente marginalizadas, especialmente a comunidade LGBTQIAPN+. A partir da filosofia do Bem Viver, trazem contribuições para a sociedade como um todo ao promover relações mais justas, inclusivas e respeitadas com a diversidade presente na sociedade. Além disso, ao articular princípios e postulados do Bem Viver, reconhecem a interdependência entre sujeitos, memórias e saberes, e ainda a complementaridade das diferenças ao valorizar a pluralidade de identidades e experiências. Destacam a reciprocidade ao fomentar o reconhecimento mútuo e o intercâmbio equitativo de conhecimentos, e, por fim, potencializam a integralidade ao compreender a produção e circulação do conhecimento como um processo que permeia dimensões sociais, culturais, éticas e comunitárias, para a construção do bem-estar coletivo.

Os artigos acima, produzidos a partir do contexto expresso no confeto *ArvoRio* afirmam uma temática transversal centrada na resistência, na transformação e na produção emancipatória de conhecimentos, articulando memória, patrimônio, organização do saber, bibliotecas, justiça social e Bem Viver. A imagem do rio que resiste a seguir em linha reta e rega a árvore da vivência sintetiza a potência desses textos: deslocar categorias instituídas, abrir caminhos curvos contra a colonialidade e alimentar processos de mudança decolonial. A partir de diferentes enfoques, os artigos evidenciam que a dominação colonial opera tanto na construção da memória e do patrimônio quanto nas formas de classificação, circulação e legitimação dos saberes. Ao mesmo tempo, propõem práticas contracoloniais e decoloniais fundadas na história oral, na sociopoética, nos confetos, na ampliação da função social das bibliotecas e na formação de acervos comprometidos com justiça social. No contexto contemporâneo, marcado por epistemicídios, apagamentos culturais, desigualdades e disputas sobre quem pode produzir conhecimento, essas contribuições tornam-se decisivas. Particularmente no contexto amazônico, onde memória, território, diversidade e resistência se entrelaçam diante de ameaças socioambientais, os artigos indicam que conhecer é também cuidar, recordar, classificar de outro modo, incluir vozes silenciadas e sustentar formas plurais de vida. Assim, o *ArvoRio* expressa um movimento de resistência e reinício, no qual o conhecimento deixa de ser fronteira fixa para tornar-se fluxo vivo de transformação coletiva.

Os quatorze artigos, organizados neste dossiê em quatro seções temáticas, evidenciam que decolonizar e contracolonizar a prática educacional e de pesquisa implica deslocar as formas hegemônicas de produzir, organizar, transmitir e validar conhecimentos, reconhecendo que a colonialidade opera nas instituições, nas metodologias, nos currículos, nas linguagens, nas formas de mensuração, nas memórias e nas relações com a natureza. A partir dos confetos *Lagartonomian*, *Voaterrarmãestruar*, *Ecoanceconectência* e *ArvoRio*, as experiências sociopoéticas aqui apresentadas mostram que os saberes e pedagogias ancestrais não são conteúdos a serem incorporados a modelos já instituídos, mas forças vivas de criação, resistência, transmutação e reexistência.

Em suas diferentes abordagens, os artigos articulam a formação docente, a pluralidade epistêmica, a contabilidade relacional, a memória, o patrimônio, os acervos, a ancestralidade feminina, a decolonialidade ambiental, a formação de professores indígenas e a produção de confetos como caminhos para enfrentar o epistemicídio, a marginalização cultural e econômica, as injustiças socioambientais e a separação moderna entre razão e natureza. Assim, o dossiê afirma a potência da sociopoética, da escuta, da reciprocidade, da complementaridade, da integralidade, da reflexividade e do diálogo intercultural como práticas concretas de pesquisa e educação. No contexto contemporâneo, especialmente diante das ameaças aos povos originários, das disputas territoriais e da degradação socioambiental que atravessam o contexto amazônico, tais contribuições indicam que viver em plenitude exige aprender com os corpos-territórios, com as comunidades, com as espiritualidades, com as memórias silenciadas e com as múltiplas línguas da Terra, para que o conhecimento deixe de ser fronteira fixa e se torne fluxo vivo de transformação coletiva.

Referências

- CHOMSKY, N.; EATON, G. The world is at the most dangerous moment in human history. **The New Statesman**, set. 2020. Disponível em: <https://www.newstatesman.com/world/2020/09/noam-chomsky-world-most-dangerous-moment-human-history>. Acesso em: 17 nov. 2025.
- FLEURI, R.M. Aprender com os povos indígenas. **Revista de Educação Pública**, v. 26, n. 62/1, p. 277-294, 2017.
- GAUTHIER, J. A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas: o aporte da sociopoética. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 127-142, 2004.
- GAUTHIER, J. A Sociopoética como prática de pesquisa integral. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 6, p. 848-852, 2014.

GAUTHIER, J. Sociopoética e a formação do pesquisador integral. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, v. 4, n. 1, 2015.

GAUTHIER, J.; FLEURI, R.M.; GRANDO, B.S. (orgs). **Uma pesquisa sociopoética**. Florianópolis: Núcleo de Publicações do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

HECK, D.E.; SILVA, R.S. da; FEITOSA, S.F. (orgs). **Povos indígenas: aqueles que devem viver**: Manifesto contra os decretos de extermínio. Brasília: Conselho Indigenista Missionário (CIMI), 2012.

HJØRLAND, B. Fundamentos da organização do conhecimento. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 17, n. 1, p. 39-73, 2022.

MURACA, M.; FLEURI, R.M. (orgs). **Escrita Coletiva, formação e pesquisa**: uma experiência a partir das eleições brasileiras de 2022. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

SANTOS, B.A. dos (Nêgo Bispo). **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SANTOS, M.H. dos; GAUTHIER, J.; CORDEIRO, E. de P.B. Pesquisa sociopoética: confetos e a noção de experiência-afeto na educação. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 75, 2023.

SILVEIRA, L.C. *et al.* A sociopoética como dispositivo para produção de conhecimento. **Interface: comunicação, saúde e educação**, Botucatu, v. 12, n. 27, p. 873-881, 2008.

ZARALLO VALDÉS, C.; FLEURI, R.M. Da violência colonial à reexistência ancestral: um diálogo entre sentipensadores do Bem Viver. **Revista Cocar**, Belém, n. 24, p. 1-23, 2024.